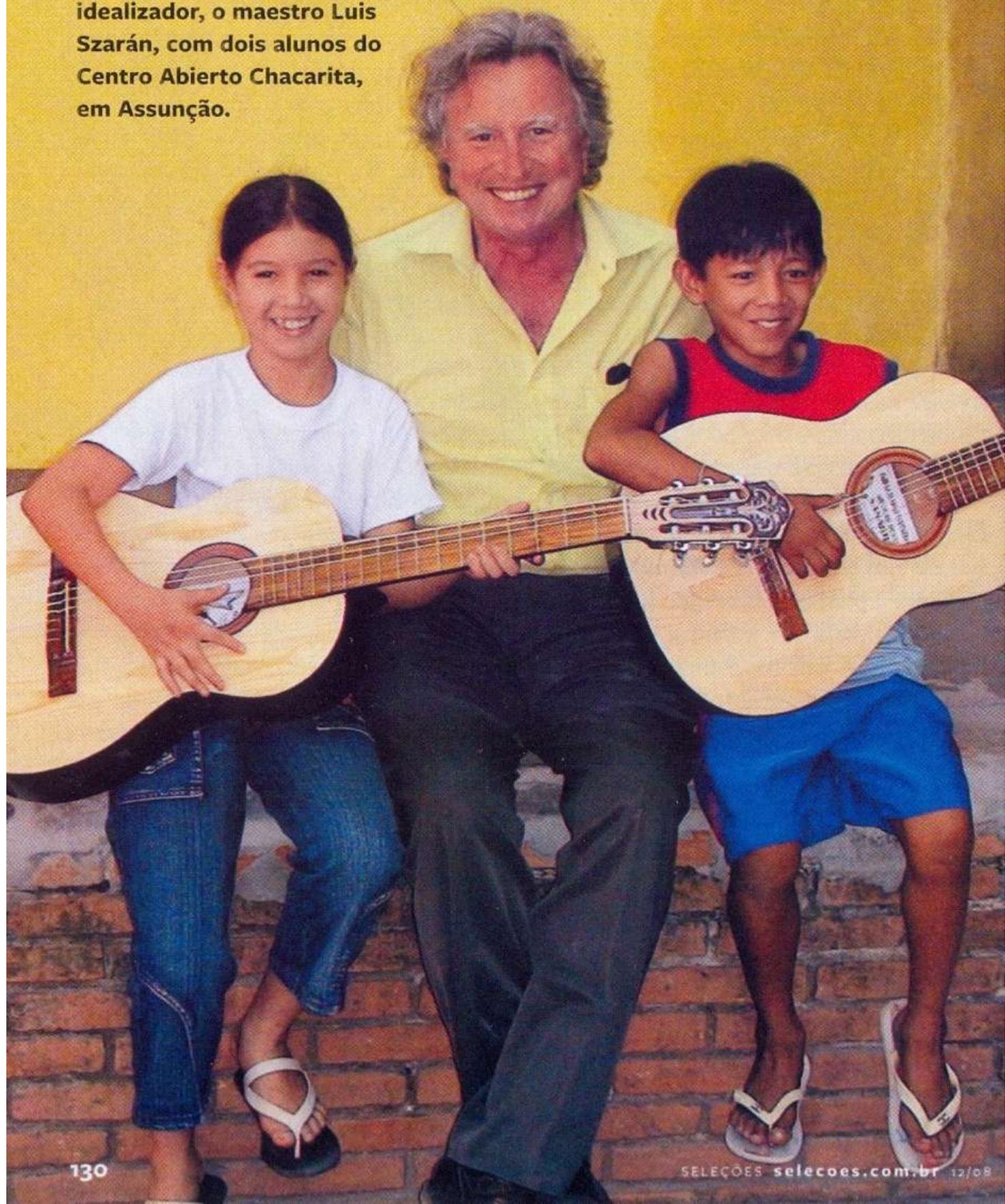


O projeto Sons da Terra chega a mais de 120 comunidades no Paraguai. Aqui, seu idealizador, o maestro Luis Szarán, com dois alunos do Centro Abierto Chacarita, em Assunção.



Profeta em sua terra

O músico paraguaio Luis Szarán encabeça um projeto que mudou a vida de milhares de jovens do seu país

POR SERGIO FERREIRA



FOTOS: CORTESIA DO PROJETO SONS DA TERRA

Era chuvosa a manhã de sábado em Assunção, capital do Paraguai. Havia caído um dilúvio durante a noite no Centro-Sul do país. O músico e compositor Luis Szarán dirigia seu carro para o escritório da Sociedade Filarmônica, situado na velha estação ferroviária central, onde já não chegam nem saem trens. Lá, toda semana, Szarán ensinava direção orquestral a dezenas de jovens.

As crianças de Mbuyapey não virão, pensou Szarán enquanto desviava dos buracos causados pela chuva. Ao chegar à estação, surpreendeu-se ao ver dois jovens protegendo-se da chuva no corredor externo do edifício. Eram José Villanueva e Carlos Quiñonez, dois adolescentes de Mbuyapey, pequeno povoado a uns 180 quilômetros da capital. Os dois meninos saíram de suas humildes casas na madrugada, pegaram uma carreta – o caminho de terra se torna intransitável para ônibus durante os dias de chuva – e chegaram até Ybycui, o povoado mais próximo, depois de horas de viagem. Ali tomaram o ônibus para Assunção.

Foi grande a surpresa de Szarán, acostumado com as ausências nos dias de chuva. “É uma oportunidade que não podemos perder”, disseram os dois.

O Paraguai é um país de músicos autodidatas, e Luis Szarán é um dos seus expoentes: há mais de 15 anos dirige a Orquestra Sinfônica da Cidade de Assunção, uma das mais importantes do país. Além disso, Szarán, de 54 anos, é o criador do projeto Sons da Terra, iniciativa de sucesso que difunde e en-

sina música a três mil crianças e adolescentes de poucos recursos em mais de 120 comunidades do país.

“Há algum tempo, quando completei 30 anos como músico, comecei a refletir sobre o que havia feito e para onde iria minha carreira. Sempre acreditei que as pessoas tendem a seguir em frente, mas me propus a sair do mundo da arte e dos aplausos para devolver ao meu povo um pouco do que havia aprendido”, diz Szarán a respeito do que o levou a criar o Sons da Terra.

Em 2001, o músico percorreu o país em busca de lugares que fossem adequados para implantar o projeto. Uma pesquisa havia revelado que pelo menos 50 povoados do interior tinham antecedentes musicais importantes, e Luis queria resgatar esses valores.

“Nos povoados, pensavam que eu fosse de uma seita religiosa ou algo assim. Além disso, tinha de convencê-los de que não se tratava de mais uma obra do governo, dessas em que muito se promete e pouco se faz”, explica.

Um ano depois, com o apoio da Fundação Avina, Szarán iniciou o projeto em 20 comunidades do interior do Paraguai. A idéia era simples: primeiro se estabelecer em áreas de “alto risco”, onde a pobreza, a falta de trabalho, a delinqüência e a violência empurram as crianças para a marginalidade; depois, por meio do ensino da música e do compromisso dos jovens de cada comunidade, poderia oferecer a eles a oportunidade que a sociedade negava.

Assim Szarán se apresentou às principais organizações locais, como escolas e igrejas, para falar do projeto.



A oficina de luteria, no depósito de lixo municipal Cateura, é um dos projetos de maior sucesso.

Depois, o maestro e os músicos da Orquestra Sinfônica que ele dirige organizaram concertos, apresentaram os instrumentos – em muitos lugares era a primeira vez que viam um violino ou uma flauta –, e foi selecionado um músico como padrinho de cada comunidade para que ministrasse aulas. Faltava apenas que as crianças se aproximassem. “Sons da Terra foi concebido para formar bons cidadãos, não excelentes músicos. Para isto existem os conservatórios”, comenta Szarán.

Nascido em setembro de 1953, em Encarnação, Luis foi o menor de oito irmãos. O pai era músico, mas nunca chegou a trabalhar na profissão, pois se dedicou às plantações de arroz. Aos 8 anos, Szarán ficou fascinado quando viu pela primeira vez o violonista clássico Cayo Sila Godoy. Aquele concerto despertou sua paixão musical. Em pouco tempo, Luis começou a estudar música com um vizinho, escondido dos pais. Quatro anos mais tarde já compunha as próprias melodias.

Porém o encontro com o professor José Luis Miranda, outro dos expoentes da música paraguaia, mudaria sua vida. O músico viu um talento especial em Szarán e o convidou a se mudar para Assunção, onde estudaria com ele.

Apesar da resistência dos pais, que o queriam trabalhando na plantação, o pequeno Luis se mudou para a capital, como discípulo de Miranda. Em seguida vieram as épocas de aprendizagem mais profunda na Argentina, no Brasil e na Itália.

A história de Juan Gerardo Ayala, mais conhecido como Liqui, é um dos melhores exemplos dos resultados do projeto Sons da Terra. O adolescente foi criado nas ruas da zona operária de Carapeguá, povoado com mais de 40 mil habitantes. Seus pais trabalhavam o dia inteiro e não tinham tempo para se dedicar ao filho. Liqui desenvolveu uma rebeldia que o levou a ser considerado um garoto problemático na escola. Um dia, Liqui aceitou o convite de um amigo para ir às aulas que o pro-



Juan Gerardo Ayala
"Liqui" cativou com
sua música as pessoas
que passeavam pela
Praça de San
Marcos, em Veneza.

grama oferecia na escola do bairro. Ao chegar, ficou surpreso com o brilho e a forma dos instrumentos.

Alguns pais avisaram ao professor que Liqui era um menino muito inquieto. Tomando precauções, o maestro entregou ao menino uma flauta transversa, que não correria tanto perigo nas mãos dele. Todos pensaram que Liqui logo ficaria entediado e voltaria para as travessuras, mas não foi isso que aconteceu: o menino não faltava aos ensaios, apesar de não ter instrutor. O maestro, então, teve de cursar algumas aulas de flauta transversa para poder ensinar Liqui.

O Terceiro Seminário Nacional de Orquestras Juvenis do Paraguai, organizado em 2004 pelo Sons da Terra, serviu como prova de fogo para Liqui. Ele chegou ali com o grupo de música de Carapeguá. Teve, então, oportunidade de conviver com outros jovens estudantes de flauta e de assistir às aulas de um instrutor especializado.

No concerto de encerramento, Liqui acabou interpretando todas as obras.

Ao regressar à sua cidade, as coisas haviam mudado. Liqui não era mais aquele menino travesso e mal-afamado no colégio. Seu talento musical começou a contagiar outros meninos.

Mas isso não foi tudo. O maestro Luis Szarán o escolheu em abril de 2006 para participar de uma turnê europeia com outros jovens aprendizes.

Hoje, o adolescente é instrutor de flauta transversa do Sons da Terra em quatro cidades, onde ensina os jovens, alguns muito maiores do que ele.

Também é solista de flauta da Orquestra Infanto-Juvenil de Carapeguá e primeiro flautista da Orquestra Mozart, integrada por virtuosos do Sons da Terra. Seu nome não faz mais parte do livro de má conduta da escola.

Nos registros do Sons da Terra há muitas histórias como a de Liqui, e todas dão testemunho do poder de transformação que a música tem. ■